

**ARRIANO DE NICOMÉDIA, IDEÓLOGO DO PODER: CONSIDERAÇÕES  
SOBRE OS ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO LÍDER EXEMPLAR NA  
ANÁBASE DE ALEXANDRE MAGNO**

**André Luiz Leme<sup>1</sup>**

A *Anábase de Alexandre Magno*, obra escrita por Arriano de Nicomédia no século II d.C., conta a história da expedição militar de Alexandre, o Grande. Nossa análise no presente estudo recai nos motivos que levaram Arriano, em seu tempo, a resgatar a memória desse personagem e escrever uma obra de história com base nela. A concepção de uma história *magistra vitae* torna Alexandre um *exemplum*, um referencial teórico acerca do poder. Nesse sentido, Arriano busca valorizar o aspecto da formação do líder, sua *paideia*, como condição indispensável para o exercício de um bom comando. Palavras-chave: Nicomédia, Arriano de; Império Romano; Imperador Adriano

A *Anábase de Alexandre Magno*, obra escrita por Arriano de Nicomédia (cerca de 89 - após 145/46 d.C.) no século II d.C., conta a história da expedição militar de Alexandre, o Grande (356-323 a.C), rumo à conquista do reino persa. Esta obra é de grande valor para os estudiosos do rei macedônio, pois é rica em detalhes, especialmente militares, das suas campanhas. No entanto, uma fonte histórica, seja relatando fatos de um passado recente ou distante, deve ser sempre analisada sob o prisma do seu próprio tempo de composição. Desse modo, nosso olhar sobre a *Anábase de Alexandre Magno* não recai numa discussão e análise histórica dos feitos de Alexandre, o Grande, mas sim contempla os motivos que levaram Arriano de Nicomédia, em seu tempo, a resgatar a memória desse personagem através da composição de uma obra de história.

Nosso estudo para conhecer melhor Arriano encontra dificuldades na escassa produção histórica realizada sobre ele. Poderíamos apontar como obras de maior destaque o trabalho de Philip A. Stadter, *Arrian of Nicomedia* (1980) e A. B. Bosworth, *From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation* (1988). A versão espanhola da fonte em análise, *Anábase de Alexandre Magno*<sup>2</sup>, lançada pela editorial Gredos em 1982, também traz uma interessante introdução histórica escrita por Antonio

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná, vinculado à linha de pesquisa Cultura e Poder sob orientação do Professor Doutor Renan Frighetto. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Contato: [andreluizleme@yahoo.com.br](mailto:andreluizleme@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> A fonte está disponível para empréstimo na biblioteca da Universidade Federal do Paraná, em ótimo estado de conservação. Trata-se da edição de 1982, da editorial Gredos, de Madri, Espanha, traduzida do original grego para o espanhol por Antonio Guzmán Guerra, professor da Universidade Complutense de Madri de filologia grega. Esta versão da *Anábase de Alexandre Magno* foi dividida em dois volumes: no primeiro, estão os livros I, II e III; no segundo, IV, V, VI, VII e VIII.

Bravo García. Já no Brasil, destacamos a tese de doutorado em Letras Clássicas de Ettore Quaranta, *A imagem de Alexandre na anábase de Arriano*, defendida na Universidade de São Paulo em 1998. Será com base no estudo desses autores que podemos estabelecer algumas considerações de importância sobre a vida e a carreira pública de Arriano de Nicomédia.

Arriano, cujo nome completo era Lucius Flavius Arrianus, nasceu em Nicomédia, na província romana da Bitínia-Ponto. Fundada em 274 a.C., a cidade de Nicomédia foi o centro administrativo da região (matinha a residência do governador e a assembléia provincial). Foi uma cidade próspera, cuja riqueza advinha da economia vinculada às férteis terras ao seu redor e pela sua estratégica posição, rota comercial e militar entre Ocidente e Oriente (STADTER, 1980: 3).

Como não possuímos informação exata sobre a data do nascimento de Arriano, nos resta deduzi-la a partir de algumas considerações. Para Stadter, *homens novos* como Arriano, cuja família nunca havia tido um cônsul antes, geralmente chegavam a essa posição por volta dos 40 anos (STADTER, 1980: 3). Tendo em vista que Arriano chegou ao consulado em torno de 129 d.C., ele teria nascido, então, por volta de 89 d.C. Nesse período, o Império Romano estava vivendo a chamada “Paz Romana” - a qual se estendeu desde a ascensão de Augusto ao principado, em 29 a.C., até a morte de Marco Aurélio, em 180 d.C. Ao longo desses mais de dois séculos, o Império Romano conheceu um período de prosperidade e conquistas, estabelecendo uma paz forçada (através do exército) ao longo de seu território. No entanto, não podemos deixar que a palavra “paz” generalize nosso pensamento sobre as características desse período: a ameaça dos bárbaros continuou presente (os Partos, no Oriente, por exemplo), revoltas internas ocorreram (na Judéia, no governo do Imperador Adriano, entre 132-135) e problemas inerentes ao próprio centro do poder (Calígula, príncipe entre 37 e 41 d.C., foi assassinado; Nero, príncipe entre 54 e 68 d.C., também supostamente assassinado). Portanto, Arriano nasceu e viveu ao longo dessa relativa paz romana, onde, embora o poder romano estivesse forte e centralizado na figura do príncipe, havia sim constantes riscos e ameaças à esse próprio poder.

Segundo Stadter, Arriano era, desde seu nascimento, cidadão romano. O fato dele também ter alcançado o consulado posteriormente indicaria que seus pais, ou membros ainda mais antigos de sua família, já seriam cidadãos romanos – uma honra

comum para aqueles que compunham o grupo de maior projeção social nas cidades gregas da Ásia Menor (STADTER, 1980: 2). O fato de ser membro desse grupo de maior projeção social em Nicomédia possibilitou que Arriano, ainda jovem, exercesse o sacerdócio da deusa Deméter e Core – as quais sua cidade era dedicada. A prática de um esporte como a caça, para qual Arriano dedicou-se a escrever um tratado posteriormente, era algo que também apenas os mais ricos poderiam realizar<sup>3</sup>. Em suma, parece-nos que era um homem que, desde criança, teve boas condições de vida. De acordo com Stadter, Arriano “entered the Roman senate, he would by law have to meet a property qualification which would have placed him among the richest men in the Roman Empire” (STADTER, 1980: 4). Portanto, podemos ver que o personagem em questão não teve grandes preocupações financeiras, pelo contrário: sua projeção econômica permitiu que ele pudesse se dedicar aos estudos, buscando os melhores locais para sua aprendizagem.

Após iniciar seus estudos em Nicomédia, Arriano viajou para Nicópolis, noroeste da Grécia, para estudar filosofia com o estóico Epicteto, um ex-escravo que fora exilado por Domiciano. Conforme Stadter, Nicópolis era uma cidade importante naquela época, pois:

(...) had become a major port for traffic between Rome and the East. The harbor and the Actian games, which Octavian had made equal to those of Olympia, insured that there would be a constant flow of visitors to the city (STADTER, 1980: 4).

Desse modo, podemos pensar que sua estadia nessa cidade teve grandes efeitos no sentido de colocá-lo em contato não apenas com homens de grande conhecimento, como Epicteto, mas inclusive com personagens que faziam parte do ambiente político de Roma – tratava-se de um ambiente de forte integração. Mas o que de fato sabemos é que Arriano aproveitou seu tempo de estudo, pois admitiu, posteriormente, que as leituras que realizou naquele período o afetaram profundamente (BOSWORTH, 1988: 17). Resultado de sua motivação foi a escrita da obra *Discursos de Epicteto*<sup>4</sup>, na qual legou à posteridade o pensamento de seu mestre, Epicteto.

---

<sup>3</sup> Trata-se da obra *Cynegeticus*, trabalho composto por volta do ano em que Arriano foi Arconte em Atenas. Segundo Bosworth, Arriano demonstra neste escrito “a most endearing picture of his love of the chase and his even greater love of his dogs”. In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation**. Oxford, 1988, p.24.

<sup>4</sup> Segundo Stadter, o período exato de permanência de Arriano em Nicópolis é incerto, mas provavelmente teria começado por volta dos seus 18 anos (107 d.C.) e resultou entre dois ou três anos. A

O início da vida política de Arriano não foi especificado por ele ou por qualquer outro autor, tornando-se ponto de especulação. Sabemos, no entanto, que Arriano, pelo menos nos estágios finais de sua carreira, seguiu normalmente o *cursus honorum* senatorial, pois foi proconsul, cônsul e legado imperial na Capadócia (província romana na fronteira leste do Império). Seja pela influência de suas relações ou de suas próprias capacidades, ele conseguiu avançar com grande mérito na sua carreira política, tornando-se um dos primeiros homens, oriundos do Leste, a se integrarem ao sistema romano (STADTER, 1980: 8).

Do ponto de vista de suas relações, sabemos que Arriano teve contato com um dos mais proeminentes senadores da época de Trajano, C. Avidius Nigrinus. Cônsul em 110 d.C. e posteriormente governador da Dácia, Nigrinus nutria, como o resto de sua família, grande interesse nos assuntos gregos – em especial, pela filosofia. Pouco depois de seu consulado, foi enviado para a Grécia como *corrector* imperial. Foi assassinado em 118 d.C., juntamente com outros proeminentes ex-cônsules, provavelmente por pessoas que apoiavam a ascensão de Adriano ao principado (STADTER, 1980: 7).

Outro personagem de destaque com quem Arriano teria se relacionado foi o futuro imperador Adriano (76-138 d.C.). Este teria estudado com Epicteto também – fato que, se não contribuiu para uma oportunidade de encontro naquele momento no Épiro, ao menos demonstrou o interesse compartilhado por ambos pela filosofia (BOSWORTH, 1988: 17). Bosworth comenta que a amizade entre ambos provavelmente teria sido manifestada com mais intensidade por volta dos anos 112/113 d.C., quando Adriano esteve na condição de Arconte epônimo em Atenas e Arriano poderia tê-lo acompanhado nessa viagem (BOSWORTH, 1988: 19). Conjecturas à parte, sabemos que essa amizade (ao menos posteriormente) realmente existiu, devido principalmente à um relatório enviado por Arriano para Adriano, em forma de carta, contando de modo informal sobre suas expedições de inspeção ao longo do Mar Negro, já na época de seu governo na Capadócia<sup>5</sup>.

---

obra *Discursos de Epicteto* não possui data específica para sua composição, mas não estaria distante do período final de seus estudos, sendo composta até no máximo 113 d.C. In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980, p.5.

<sup>5</sup> Esta última versão sobreviveu ao tempo, recebendo o nome de *Periplus Ponti Euxini* (Circunavegação do Mar Negro). Segundo Stadter, o relato dessa expedição foi enviado para Adriano num relatório em latim (o qual foi perdido) e em grego (escrito na forma de carta e com uma linguagem mais informal). In: STADTER, P. A. **Arrian of Nicomedia**. Chapel Hill, 1980, p.12.

A manutenção de uma amizade com membros ligados ao poder, como foram Nigrinus e Adriano, poderia realmente ter contribuído para a inserção e promoção de Arriano no cenário político romano. Segundo Bosworth, a patronagem exercida por Adriano com relação à Arriano teria mesmo eclipsado aquela de Nigrinus com Arriano, pois nem mesmo a morte de Nigrinus teria afetado a continuidade da ascensão política do grego de Nicomédia<sup>6</sup>.

Seria ingênuo da nossa parte acreditar que Arriano teria se apoiado exclusivamente em suas amizades para conseguir sucesso em sua carreira. Por isso, do ponto de vista de suas capacidades, devemos salientar que o grego de Nicomédia provavelmente destacou-se por sua técnica e comando militar ao longo de sua vida. Uma possível evidência dessa trajetória militar de Arriano seria sua participação na campanha de Trajano contra os partos (114-117), tendo em vista que ele próprio escreveu um tratado, *Parthica*, sobre tal confronto. Arriano era um homem que conhecia a região leste e o idioma local – aspectos que o tornariam uma pessoa estratégica para tal momento. No entanto, levamos em consideração a ressalva de Bosworth: “The fact that he later reported Trajan's campaigns in his *Parthica* proves interest, not participation” (BOSWORTH, 1988: 20). Apesar disso tudo, sabemos com toda certeza que Arriano, ao final de sua carreira, governou a província da Capadócia, região fronteira e sob risco de ataques externos. Tanta responsabilidade não seria concedida a alguém que já não tivesse demonstrado anteriormente uma boa técnica de comando militar.

Como podemos perceber, Arriano demonstrou-se um homem de grande conhecimento e técnica militar, obtendo, através desses fatores, importantes relações no mundo político romano. Portanto, devemos compreender sua ascensão política como consequência dessa relação entre as amizades que ele fez e as capacidades que apresentou.

Nosso conhecimento acerca da vida pública de Arriano tem início por volta de 117 d.C., quando ele entra para o Senado. Segundo Antônio Bravo Garcia, teria sido provavelmente o próprio Adriano quem teria concedido à Arriano esse privilégio

---

<sup>6</sup> O autor, partindo do pressuposto da relação muito próxima de Adriano com Arriano, comenta que “Promotion was the direct result of the friendship, and we may assume with some confidence a fairly deep acquaintance before Hadrian's accession.” In: BOSWORTH, A. B. **From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation.** Oxford, 1988, p.20.

(BRAVO GARCIA, 1982: 12). Porém nada nos impede de pensar que sua entrada no Senado já não tivesse acontecido há alguns anos antes.

Stadter levanta a hipótese de que Arriano, antes de chegar ao consulado, teria sido proconsul na província da *Hispania Baetica* (STADTER, 1980: 10). Esse fato seria provado pelo autor com base numa inscrição encontrada na região, a qual revelava um poema grego, supostamente de Arriano, dedicado à deusa Ártemis. Seja ou não verdadeira tal referência, o comando de uma província senatorial não deixa de ser parte de uma trajetória de provação, onde o grego de Nicomédia mais uma vez tivera oportunidade para demonstrar qualidades que o destacasse dos outros.

Arriano tornou-se cônsul por volta dos anos 129 e 130 d.C. Logo em seguida, desde pelo menos 131/32 d.C., assumiu o posto de *legatus Augusti pro praetore Cappadociae*. Ainda que uma posição como esta fosse mantida por cerca de três ou quatro anos, Arriano manteve-se nela por pelo menos seis anos, até aproximadamente 136/37 d.C. (STADTER, 1980: 11).

A principal responsabilidade de Arriano na Capadócia foi manter segura a região da fronteira. Para isso, teve ao seu comando duas legiões: a XV *Apollinaris* e a XII *Fulminata*. Arriano chegou, inclusive, a realizar uma inspeção de segurança nas fronteiras (prática que o próprio imperador Adriano tornou comum durante seu governo). Ao norte do Cáucaso situavam-se os alanos, uma tribo sárмата que, por duas vezes anteriormente, já havia excursionado e atacado territórios romanos. Ao sul e leste estavam os partos, ainda uma forte ameaça (STADTER, 1980: 12). A região da Capadócia, como podemos perceber, estava longe de ser tranqüila.

No ano de 135 d.C. os alanos avançaram em direção à Capadócia e ao reino Parto. Numa ação conjunta de Arriano e Vologases II, rei dos partos, a invasão foi repelida (STADTER, 1980: 13). Segundo Bosworth, Arriano conseguiu expulsar os invasores através de uma “effective show of force” (BOSWORTH, 1988: 23). Reflexo desse momento, provavelmente de glória militar, Arriano compôs a obra *Formação de Batalha contra os Alanos*, onde detalhou a ordem de marcha e batalha do exército que liderou. Do mesmo período é a obra *Táticas*, novamente de cunho militar. Segundo Stadter, Arriano provavelmente deixou seu posto entre o final de 137 e início de 138 d.C., pois seu imediato sucessor no cargo de legado imperial na Capadócia, o ex-cônsul Lucius Burbuleius Optatus, teria assumido tal posição ainda sob o principado de

Adriano (este morreria apenas em julho de 138 d.C.) (STADTER, 1980: 13). Após seu governo na Capadócia, não há mais evidências acerca da carreira militar de Arriano.

Após oito anos de seu governo na Capadócia, encontramos Arriano por volta de 145/46 d.C. vivendo em Atenas. Segundo Stadter:

(...) while living at Athens, Arrian participated in the ordinary life of the city, frequenting the gymnasium and discussing political affairs. He not only became an Athenian citizen, as he says in the *Cynegeticus*, but held the city's most prestigious office, that of eponymous archon (STADTER, 1980: 16).

Esta é a ultima informação segura que possuímos acerca de Arriano, não sendo possível também estabelecer uma data correta para sua morte. Não resta dúvida de que, ao longo do principado de Trajano e Adriano, o grego de Nicomédia encontrou terreno propício para desenvolver tanto habilidades intelectuais como militares. Mas e a *Anábase de Alexandre Magno*, ela teria sido escrita em qual momento de sua vida? Fora ela composta antes, durante ou depois de sua atividade na política? O que teria motivado o autor a escrevê-la? O fato é que não dispomos de qualquer referência específica para a data dessa composição. As discussões realizadas sobre esse problema são vastas, sem que possamos, no entanto, chegar a qualquer conclusão definitiva sobre a data correta de sua realização<sup>7</sup>. Mas diante desse quadro de incertezas, onde não possuímos informação segura sobre quando e porquê a *Anábase de Alexandre Magno* foi composta, ressaltamos aqui um pressuposto que não poderia fugir ao nosso estudo e que certamente pode nos ajudar na busca de uma solução para tais problemas: compreender que a *Anábase de Alexandre Magno*, ainda que traga importantes informações sobre determinados acontecimentos do passado, é filha de seu tempo e, desse modo, pode nos relevar muito também acerca do seu tempo de composição.

Desse modo, nosso entendimento sobre o pensamento de Arriano em seu contexto serve de guia e direciona o grego de Nicomédia para o estudo de Alexandre, o Grande. Mas qual seria então as possíveis motivações do autor para escrever sobre tal personagem em determinada época de sua vida? Para que possamos discorrer sobre essa questão, devemos antes caracterizar e debater sobre a forma escolhida por Arriano para contar sobre o passado. Iniciaremos, portanto, do pressuposto de que o seu interesse na

---

<sup>7</sup> Para maiores informações acerca do debate historiográfico sobre o tema, sugerimos a obra aqui referenciada de Stadter, com mais atenção para as páginas 179 à 185.

obra e o objetivo que almeja com ela estão intimamente relacionados ao modo por ele escolhido para contá-la – ou seja, as características de seu discurso. No prefácio do texto da *Anábasis* encontramos importantes idéias do autor que podem nos auxiliar na compreensão do discurso adotado por ele na obra. No trecho a seguir, vemos um Arriano preocupado com alguns aspectos inerentes à sua escrita:

Considero y transcribo yo como verdaderos todos aquellos relatos en que coinciden Tolomeo, hijo de Lago, y Aristóbulo, hijo de Aristóbulo, historiadores ambos de Alejandro, hijo de Filipo; pero de aquellos en que divergen, he seleccionado los que me parecían, al tiempo, más fidedignos y más interesantes para ser narrados. Ya otros han escrito sobre Alejandro (no hay, en efecto, nadie sobre quien lo haya hecho mayor número de historiadores, o de manera más discordante entre sí), pero Tolomeo y Aristóbulo, a mi parecer, son los más dignos de crédito (ARRIANO, 1982: 117).

A despeito dos motivos que levaram Arriano a entender como mais verdadeiros os relatos de Ptolomeo e Aristóbulo, o que devemos perceber é que o autor realiza uma seleção de suas fontes para a escrita de sua história. Esta seleção teve como base o critério da maior confiabilidade delas, permitindo que o autor, através de uma análise comparativa de textos, encontrasse relatos verdadeiros. Mesmo quando suas fontes divergiam, sua subjetividade ainda buscaria as informações aparentemente verdadeiras. Mais adiante, mantendo o mesmo tom, o autor realiza uma espécie de defesa de seu escrito:

Como habrá alguien que se extrañe de por qué, después de que lo hayan hecho tantos escritores, se me haya ocurrido a mí narrar la *Anábasis* de Alejandro, quisiera yo que ése mostrara su extrañeza después de haber reexaminado los testimonios de aquéllos y haberlos confrontado con los míos (ARRIANO, 1982: 118).

Através dessas poucas linhas de texto, podemos perceber a preocupação que o autor possui em salientar aos seus leitores sobre a veracidade daquilo que ele irá contar. Em outras palavras, seria como afirmar que o seu relato é o mais verdadeiro e, por isso, é digno de confiança. Ainda que ele não fosse o primeiro, muito menos o último, a se proclamar “portador da verdade” na história, vemos nessas palavras do autor um determinado propósito: seu relato, enquanto verdade, tornar-se-ia história. Sendo história, seu relato poderia cumprir com sua função. Mas qual seria então essa função do relato histórico? Ainda que sejam múltiplas as influências intelectuais sobre Arriano, talvez possamos levar em consideração para a análise de sua obra o conceito de *historia*



*magistra vitae*. A história, mestre da vida, teria como função demonstrar aos homens, através da rememoração de eventos passados, quais seriam os bons e maus exemplos. Trata-se, na prática, da história cumprir um determinado papel pedagógico, no qual os homens seriam instruídos – com base nos exemplos de grandes personagens, acontecimentos e ações – sobre qual seria o comportamento mais correto a se adotar em certas circunstâncias na vida de cada um.

A questão que nos é colocada, a partir desse momento, é a seguinte: quais seriam então esses bons exemplos de comportamento? Essa questão, para ser respondida, deve ser relativizada: a cada momento e para cada pessoa, devido à conjuntura específica de situações e problemas, são diferentes os exemplos escolhidos. No caso de Arriano, se este escolhe a história de Alexandre para servir de exemplo, ele provavelmente partiria do pressuposto que ela atendesse, com determinadas perspectivas, às inquietudes do seu contexto. Quais inquietudes seriam essas? Podemos adiantar que, se algo move o autor, é algo relacionado ao poder. Arriano não se deteve em contar sobre a infância de Alexandre, pois não lhe interessava tais aspectos da vida do rei macedônio. Aquilo que chamou a atenção do grego de Nicomédia foi a anábase de Alexandre, ou seja, a história de sua expedição. Se existe algo para se ter como bom ou mau exemplo na história de Alexandre, tais aspectos estão intimamente relacionados à sua pessoa e a política que ele empreende nessa expedição. Portanto, ao se apoiar na história para fornecer possíveis idéias para ações, no âmbito do poder, em seu próprio tempo, o autor não deixa de realizar em seu escrito a construção de uma teoria política.

É tendo por base esse pensamento que podemos compreender melhor o desenvolver narrativo de Arriano, buscando entrever naquilo que ele enfatiza muito mais do que um simples relembrar do passado, mas sim o objetivo da construção de uma teoria política adequada para o seu presente. Após levantar essa hipótese, nada mais correto do que buscar na fonte os argumentos necessários para comprová-la. Nesse momento, vamos realçar as possibilidades em torno do estudo de um determinado objeto de análise: o conhecimento enquanto pressuposto inerente ao governante.

Selecionamos três momentos distintos no relato de Arriano para demonstrar como o autor muitas vezes enfatiza certos comportamentos de Alexandre. O primeiro trecho, disposto a seguir, faz menção a uma das campanhas militares de Alexandre pela região da Trácia, onde algumas tribos se rebelaram após a morte de Filipe II. Nesse

momento, o rei macedônio e seu exército encontravam-se em perigo devido à ação de alguns rebeldes que, a partir de uma posição estratégica (um monte), ameaçam jogar carros de guerra sobre eles. Diante dessa situação:

Alejandro estudió otras maneras de atravesar por el monte con mayor seguridad para sus tropas, pero, convencido de que no existía otra opción, decidió arrostrar el peligro, ya que por ninguna otra parte había acceso. Con todo, hizo a sus hoplitas las siguientes prevenciones: cuando vieran que los carros se despeñaban cuesta abajo contra ellos, todo el que tuviera vía libre debía romper la formación y apartarse para dejar que los carros pasaran entre las filas de soldados y fueran a estrellarse peñas abajo. Les recomendó igualmente, que si algún grupo se veía sorprendido y los carros se les venían encima, debían agazaparse y echarse justo en que los carros cayeran sobre ellos, pues así cabría esperar que los carros saltaran por encima, debido al impulso que llevaban, y pasasen de largo sin causarles daño. Efectivamente, ocurrió tal y como Alejandro había supuesto, de suerte que parte de sus hombres, que siguieron en todo sus consejos, rompieron la formación; respecto a los demás, apenas sufrieron daño, pues los carros rodaron sobre sus escudos. Ni un solo hombre murió aplastado bajo ellos (ARRIANO, 1982: 122).

Pode parecer, para um olhar desatento, que se trata exclusivamente de um relato militar. No entanto, como Claude Mossé já salientou anteriormente sobre a obra de Arriano, “mesmos os relatos de batalha são construções ideológicas” (MOSSÉ, 2004: 184). O Alexandre desse momento age de modo consciente, pois procura estudar antes suas opções de ação. Quando se decide, o rei macedônio faz prevenções e recomendações à suas tropas, demonstrando um controle da situação e das possíveis adversidades que poderiam dificultar seu plano. Sua estratégia é calcada em critérios racionais da própria física, pois ele levava em consideração que os carros, devido ao impulso que levavam, poderiam saltar sobre os macedônios e, assim, não infligir dano algum a eles. Toda essa versatilidade do comandante macedônio garantiu o sucesso de sua empreitada, mas note-se o seguinte: aqueles que o obedeceram, seguindo, como nas palavras de Arriano acima, todos os seus conselhos, conseguiram o objetivo de avançar e romper a formação; quanto aos demais, que provavelmente não seguiram à risca o plano, sofreram alguns danos. Através dessa interessante contraposição que acabamos de salientar, fica a lição da obediência, a qual não pode faltar e que só pode prejudicar àqueles que não a praticam – especialmente em relação à um líder que se demonstra tão apto.

O segundo trecho da fonte que trazemos para discussão faz referência ao momento que imediatamente precedia a batalha de Granico. Com o exército já em

ordem de batalha, inicia-se um diálogo entre Alexandre e Parmênio, general macedônio, onde este dizia para o seu rei:

Señor, me parece a mi que es buena decisión la de mantenernos acampados donde estamos, sobre la ribera del río, pues creo que los enemigos, que son muy inferiores en el número de infantes, no se atreverán a acampar junto a nosotros, y así le será posible a nuestro ejército hacer la travesía con toda facilidad tan pronto despunte el alba. De este modo, nos habremos adelantado a ellos antes de que organicen su formación. En esta ocasión, me parece, no sería exento de peligro el que nosotros iniciáramos la ofensiva, porque no nos sería posible conducir el ejército atravesando el río de frente, ya que en él se ven muchos socavones, y por otra parte tú mismo advierte que sus riberas son muy elevadas y por algunos puntos cortadas a pico. Por tanto, si salimos del río en total desorden y atacando de flanco (que es la forma más insegura, sin duda), la caballería enemiga se lanzará en perfecta formación contra nuestra falange. Un error en el comienzo y ante las presentes circunstancias sería grave y peligroso para el resultado de toda la campaña (ARRIANO, 1982: 155-156).

Nesse momento, vemos Parmênio, respeitosamente, tomando a razão para si. Demonstra-se prudente, alertando seu rei quanto aos riscos de se iniciar a batalha naquela posição atual do exército, sugerindo novas estratégias. O general macedônio, inclusive, busca apoio nos próprios argumentos de Alexandre (acerca das advertências deste em relação às altas ribeiras do rio), como referência de autoridade, para fortalecer suas idéias. Ao final de suas palavras, Parmênio salienta que um erro cometido naquele momento colocaria em risco o resultado da campanha de Alexandre – enfatizando assim seu raciocínio para aquele momento. Frente à essa argumentação, cujo objetivo era colocar o rei macedônio em dúvida, Arriano aponta a seguinte resposta de Alexandre, nas palavras deste:

Todo eso ya lo conozco Parmenión. Pero me daría vergüenza, después de haber atravesado con toda facilidad el helesponto, que eso que no es más que un pequeño riachuelo (despreciando así al Gránico, con esa denominación) nos fuera a impedir hacer la travesía según estamos. Frente a la reputación de los macedonios, o frente a mi propia disposición ante el peligro, ninguna importancia doy yo a eso. Es más, me parece que los persas aumentarían su valor y llegarían a creerse dignos oponentes de los macedonios por no haber experimentado hasta el presente nada que justifique con fundamento su temor (ARRIANO, 1982: 156).

Refletindo sobre a resposta de Alexandre, podemos perceber que ele contestou a proposta de Parmênio com base em duas justificativas principais. A primeira delas é referente ao aspecto moral da questão. Os macedônios teriam uma reputação por zelar, especialmente Alexandre, o qual teria uma disposição própria para enfrentar perigos

(idéia já presente no trecho de fonte analisado anteriormente). A segunda justificativa, a qual vem complementar a primeira, é referente ao aspecto psicológico da questão: se os macedônios recuassem, eles estariam colaborando para os persas se sentirem mais fortalecidos e dignos de combatê-los, tendo em vista que em nenhuma situação anterior houve oportunidade para se criar alguma forma de temor neles.

Podemos apreender que Alexandre desqualifica os argumentos estratégicos e técnicos de Parmênio (os quais, ele próprio, afirma já ter consciência prévia) com base em outras perspectivas, visando compreender melhor a problemática daquela situação. Não é que Alexandre não tenha se demonstrado prudente, mas sim que ele soube refletir sobre a situação levando em consideração não apenas critérios técnicos, mas também de âmbito psicológico. Esse momento prova que Alexandre não foi um rei inseguro quanto às suas ações, pelo contrário, tinha grande controle sobre elas.

Nosso terceiro recorte abrange novamente uma situação de debate entre Alexandre e Parmênio. Trata-se do momento anterior à batalha de Gaugamela, onde Parmênio faz algumas considerações ao rei macedônio:

Cuentan que Parmenión se acercó al poco a la tienda de Alejandro, aconsejándole que dispusiera que el ataque contra los persas se realizara durante la noche, ya que así serían sorprendidos, más fácilmente confundidos y presos del pánico. A esta sugerencia de Parmenión, Alejandro contestó ante el anuente auditorio de los presentes que parecía vergonzosa una victoria conseguida por sorpresa, y que él debía obtenerla abiertamente y sin estas argucias (ARRIANO, 1982: 279).

Trata-se de uma situação muito parecida com aquela que analisamos anteriormente. Parmênio sugere uma ação e Alexandre a contesta, com base num critério moral: seria motivo de vergonha alcançar a vitória por meio de um ataque surpresa. Tal vitória deveria ser obtida, portanto, sem práticas como essa, e sim de modo aberto. No entanto, algo incomodou Arriano acerca dessa atitude de Alexandre, pois ele, logo em seguida, discorre de modo reflexivo sobre a informação que acabou de relatar:

Este hablar grandilocuente de Alejandro más parecía confianza ante el peligro que un exceso de arrogancia por su parte. A mi modo de ver, se trataba de que Alejandro había hecho un exacto cálculo de los siguientes pormenores: pues al concurrir durante la noche circunstancias imprevistas tanto para los ejércitos bien equipados para la guerra como para los que no lo están, a menudo ocasionan la derrota de aquéllos, de los más poderosos, y dan la victoria a los peores en contra de lo que ambos esperaban. Es cierto que habitualmente Alejandro arriesgaba mucho en las batallas, pero el combate nocturno le seguía muy peligroso; pensaba además que, en caso de

derrotar a Darío, el hecho de que el ataque hubiera sido nocturno y por sorpresa daría pie a que Darío no reconociera su propia inferioridad ni la de los suyos, y por el contrario, si sus tropas macedonias sufrían algún revés contra pronóstico, los pueblos limítrofes se aliarían a los enemigos, que tendrían además la ventaja de conocer mejor la zona, mientras que ellos quedarían en un paraje extraño y rodeados por toda suerte de gentes enemigas. Debía tenerse en cuenta igualmente que muchos de sus prisioneros de guerra pertenecían a estos pueblos, y era de esperar se sumaran al bando contrario (sin aguardar a que se impusieran los de Darío) tan pronto se percataran de que los macedonios no conseguían vencer fácilmente en el ataque nocturno. Merece mi elogio este modo de calcular por parte de Alejandro no menos que su arrogancia manifestada en público (ARRIANO, 1982: 279).

Arriano apresenta um conjunto de reflexões, desenvolvidas a partir de seu pensamento lógico, acerca do acontecimento que ele narrou anteriormente. Para o autor, Alexandre não teria agido de modo exclusivamente arrogante. Ele, ao seu modo de ver, teria realizado cálculos exatos sobre possíveis circunstâncias presentes naquele momento, como o risco de se combater à noite e às possibilidades de uma eventual derrota macedônia levar outros povos à se aliarem com Dario. Ao final, Arriano elogia Alexandre por esse seu modo de “calcular”, ou seja, seu pensamento lógico e estratégico.

Nesse momento, Arriano vai além das informações que dispunha em suas fontes sobre aquele acontecimento. Frente à uma lacuna, a qual lhe despertou interesse, ele constrói uma reflexão, de caráter extremamente pessoal, a qual expressa uma coerência em seu pensamento: Alexandre não agiria de qualquer modo, mas sim pautado em observações e cálculos sobre a situação em debate. Por meio de outras palavras, poderíamos dizer que Arriano novamente impõe um critério técnico para a ação de Alexandre, a qual se manifesta de forma consciente.

A partir da leitura desses três momentos da *Anábase*, podemos inferir algumas considerações importantes sobre o pensamento de Arriano acerca de Alexandre. Antes de tudo, podemos perceber que a figura de Alexandre foi valorizada, ou seja, ela demonstra certos aspectos positivos ao olhar de quem lê sua história. Como a história, mestre da vida, tem por função demonstrar os bons e maus exemplos do passado, Alexandre torna-se, nesse momento, um bom exemplo. Exemplo, especialmente, de bom líder, político e militar. Mas o que o faz tornar-se um bom líder?

A construção da história de Alexandre feita por Arriano demonstra bem sua própria percepção acerca das características ideais que tornaram o rei macedônio um

líder exemplar. De fato, Arriano atribui à Alexandre um bom preparo para governar. É como se Arriano compreende-se que, sendo Alexandre esse líder exemplar, ele devesse necessariamente pensar e agir de determinada forma. Desse modo, o rei macedônio demonstra-se apto para enfrentar circunstâncias difíceis, mas inerentes ao papel do líder. No entanto, o que efetivamente o faz tornar-se esse bom líder é algo que ele pratica constantemente: Alexandre, para empreender suas ações, pauta-se em determinados critérios (técnicos, estratégicos, de ordem moral e mesmo psicológicos) os quais advêm de um pensamento lógico, bem elaborado e construído conscientemente, ou seja, responsável. Portanto, seu preparo é consequência direta do seu modo de pensar.

Mas qual o sentido do autor em demonstrar e enfatizar isso? É como se Arriano destacasse, através do exemplo do bom preparo do rei macedônio, o princípio de que ele recebeu uma formação para tal. Se partirmos do pressuposto que Alexandre foi um monarca helenístico, podemos buscar entender melhor a importância dessa formação para esse modelo de realeza que Arriano está propondo. No artigo *La paidéia del príncipe y la ideología helenística de la realeza*, Victor Alonso Troncoso ressalta a importância da *paidéia* como elemento inerente da ideologia na realeza helenística. Existiria uma relação entre realeza e excelência educativa, a qual contribuiria para a própria legitimação do monarca no poder (ALONSO TRONCOSO, 2005: 186). Acerca do próprio Alexandre, Troncoso ressalta que:

(...) junto a las imágenes del Alejandro conquistador, y explorador, y estadista, la historiografía helenística consagró asimismo la del rey bien educado, empezando por Marsias de Pela y Onesícrito de Astipalea, y en consecuencia también la del fomentador de la *paidéia* a escala de la nueva ecúmeno grego-oriental (ALONSO TRONCOSO, 2005: 200).

É exatamente esse o aspecto que Arriano resgata e reforça em sua obra, construindo a história de Alexandre de modo a deixar implícito a importância da educação do rei, a *paidéia*, para seu bom governo e comando. Desse modo, não poderíamos deixar de entrever uma aproximação entre *paidéia* e *basiléia* no pensamento de Arriano de Nicomédia.

Arriano aproximou-se da história na busca por exemplos que o ajudassem a construir uma argumentação sobre o poder. Seu diferencial é exatamente o personagem que escolheu para relatar os feitos, Alexandre Magno, cuja imagem de líder e comandante ideal não reconheceu fronteiras, tornando-se universal. Arriano, como um homem de grande conhecimento, valorizou essa característica como essencial ao

homem político. Vemos, desse modo, como sua relação com o senador Nigrinus e o Imperador Adriano, ambos personagens interessados e relacionados com os centros de conhecimento na Grécia, pode ter sido de apoio mútuo: eles teriam, segundo a construção teórica presente na *Anábase de Alexandre Magno*, sua ascensão política legitimada, pois, tal como Alexandre, tinham uma boa formação. Conseqüentemente, seriam bons líderes. Ao mesmo tempo, devido à esse apoio, Nigrinus ou Adriano poderiam ter ajudado Arriano em sua ascensão política. Todas essas considerações, ainda que sejam parciais, demonstram como podemos refletir, com base em um pensamento crítico que alia o estudo da fonte com o seu contexto gerador, acerca dos motivos que levam à construção de uma obra de história. E em nosso presente caso, motivos políticos que teriam originado a *Anábase de Alexandre Magno*, sendo esta obra escrita provavelmente até o período em que Arriano deixa a vida pública.

#### **Referências:**

##### **Fonte:**

ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno: libros I-III*. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

##### **Bibliografia:**

ALONSO TRONCOSO, V. La paidéia del príncipe y la ideología helenística de la realeza. *Gerión*, Madrid, v.23, n.9, p.185-204, 2005.

BOSWORTH, Albert B. *From Arrian to Alexander: Studies in Historical Interpretation*. Oxford: Clarendon Press, 1988.

BRAVO GARCIA, Antônio. In: ARRIANO. *Anábasis de Alejandro Magno: libros I-III*. Tradução de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

LESKY, A. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LOZANO VELILLA, A. *El mundo helenístico*. Madrid: Editorial Síntesis, 1992.

MOSSÉ, C. *Alexandre, o Grande*. Tradução de Anamaria Skinner. São Paulo: Editorial Estação Liberdade, 2004, np. 243.

PLÁCIDO, D. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza e la tiranía. *Gerión*, Madrid, v.25, n.1, p. 127-166, 2007.

RODRÍGUEZ CERESO, T. Los orígenes de la conquista de Asia en la Anábasis de Alejandro Magno de Arriano de Nicomédia. *Gerión*, Madrid, v.17, p.213-222, 1999.

STADTER, Philip. *Arrian of Nicomedia*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.